

ENTRE PSICOLOGISMO E NATURALISMO – APONTAMENTOS SOBRE O USO DA NOÇÃO DE ESTRUTURA NA PSICOLOGIA E NA PSICANÁLISE

(Between Psychologism and Naturalism, notes about the Use of the Notion of Structure in Psychology and Psychoanalysis)

Léa Silveira Sales¹

Resumo: Do ponto de vista de uma investigação voltada para o movimento dos conceitos e dos encaminhamentos que os tornaram necessários, o uso da noção de estrutura tanto em psicologia quanto em psicanálise só pode ser compreendido como esforço de contraposição aos impasses gerados pelo cartesianismo, impasses estes inevitavelmente herdados por ambas as disciplinas. Como explica Husserl, a divisão entre a região da *res extensa* e a da *res cogitans* já era produzida por Galileu quando a revolução que com ele atinge seu clímax matematiza a física e, para isso, distingue um mundo sensível, reconhecível por suas características qualitativas, de um mundo de idealidades, incumbido de enxergar, na natureza, a quantidade como sua essência racional. *Grosso modo*, a psicologia moderna, quando nasce, assume a tarefa paradoxal – e por isso mesmo irrealizável – de sobrepor o modo de ver da física matematizada àquilo que é, exatamente, condição desse olhar. Trata-se, no presente artigo, de acompanhar o reflexo desse paradoxo em alguns dos projetos de saber sobre a subjetividade – tais como a psicologia da *Gestalt* e a psicanálise lacaniana – que concederam à noção de estrutura um lugar privilegiado em seu campo conceitual.

Palavras-chave: epistemologia; estrutura; psicologia; psicanálise

Abstract: From the point of view of an investigation focused on the movement of the concepts and processes that turned them necessary, the use of the notion of structure, both in Psychology and in Psychoanalysis can only be understood as an effort of opposition to the impasses created by Cartesianism, impasses inevitably inherited by both disciplines. As Husserl explains, the division between the region of *res extensa* and *res cogitans* was already produced by Galileo when the revolution that reaches its climax with him mathematizes physics and, in order to do so, distinguishes a sensible world, recognizable by its qualitative characteristics, of a world of idealities, in charge of finding quantity at nature as its rational essence. Roughly speaking, modern Psychology assumes in its origin the paradoxical task – therefore impossible – of overlapping the way that the mathematized physics looks at its object to something that is the condition of that regard. This article aims to follow the reflection of this paradox in some of the projects of knowledge about subjectivity – such as *Gestalt* Psychology and Lacanian Psychoanalysis – that granted the notion of structure a privileged place in its conceptual field.

Keywords: Epistemology, structure, Psychology, Psychoanalysis

Do ponto de vista de uma investigação voltada para o movimento dos conceitos e dos encaminhamentos que os tornaram necessários, o uso da noção de estrutura tanto em psicologia quanto em psicanálise só pode ser compreendido como esforço de contraposição aos impasses gerados pelo cartesianismo, impasses estes inevitavelmente herdados por ambas as disciplinas.

Como explica Husserl (1954/1976), a divisão entre a região da *res extensa* e a *res cogitans* já era produzida por Galileu quando a revolução que com ele atinge seu clímax matematiza a física e, para isso, distingue um mundo sensível, reconhecível por suas características qualitativas, de um mundo de idealidades, incumbido de enxergar, na natureza, a quantidade como sua essência racional.² *Grosso modo*, a psicologia moderna, quando nasce, assume a tarefa paradoxal – e por isso mesmo irrealizável – de sobrepor o modo de ver da física matematizada àquilo que é, exatamente, condição desse olhar. Com o objetivo assim diretamente mimetizado de transpor a experiência ordinária na direção da objetividade conceitual, a psicologia, ao procurar assumir a imagem da física, descobre-se enredada nas malhas do paralelismo psicofísico que outra coisa não é senão um nome que se pretende bem disfarçado – assim mais afeito ao ideal de ciência – para o dualismo cartesiano cujos pontos cegos então se reproduzem explícita ou subrepticamente. Naquela que é considerada a primeira empresa de “matematização do psíquico” – a saber, a empresa fechneriana –, por exemplo, o cálculo assume claramente um pressuposto não analisado, não discutido: toma-se como um dado de partida que aquilo que será mensurado (pelo método das diferenças apenas perceptíveis) e transportado para uma expectativa de lei (a lei de Weber-Fechner) é de ordem psicológica. Ou seja, o que se encontra nas observações características da psicofísica parece ser algo que o próprio pesquisador lá insere.³ Esse grave erro, no entanto, era apenas sintoma de um ofuscamento mais amplo e profundo: sob a bandeira de uma emancipação da psicologia relativamente à filosofia – emancipação que idealmente a tornaria científica –, o que ocorreu, ao menos inicialmente, foi a assimilação acrítica de pressupostos empiristas que imprimem à disciplina nascente as feições do elementarismo e do associacionismo.

É nesse contexto que encontramos um primeiro uso do *termo* estrutura na história da psicologia moderna, sem que, no entanto, isso corresponda a um uso qualquer da *noção* de estrutura. E. Titchener, discípulo de W. Wundt responsável por uma interpretação deturpada do mesmo que apenas agora começa a ser desmistificada – por exemplo: Danziger, K. (2001) *The unknown Wundt: drive, apperception and volition* –, defende que a psicologia deve se pautar pelo estudo da experiência imediata de um sujeito estritamente concebido como sistema nervoso e pela descrição dos componentes da consciência e de seus arranjos mecânicos. Relativamente a Wundt, o que temos com Titchener é um retrocesso na autonomia da psicologia: enquanto o primeiro reservava um importante lugar para o caráter ativo da consciência (a apercepção e o voluntarismo), para o segundo a descrição é feita em termos psicológicos, mas a explicação é inteiramente reputada a uma ciência natural (fisiologia). O próprio Titchener (em *Os postulados de uma psicologia estrutural*, 1898) batiza sua posição de “estruturalismo”, no que temos um claro exemplo da presença de um nome na ausência de um conceito: o termo estrutura possui aí o mero sentido de conjunto das partes componentes e sua reivindicação se esteia na idéia de que o estudo dos elementos que constituem a consciência – no sentido, por exemplo, do levantamento do número de todas as sensações possíveis (sem que se saiba, com efeito, que interesse pode haver nessa enumeração) – deve preceder o estudo da função (Titchener 1896/1971). O alegado estruturalismo titcheneriano é, na verdade, um elementarismo *tout court*.

Já com a psicologia da *Gestalt* as coisas se passam de um outro modo: temos aqui, efetivamente, um conceito que – em um movimento de contraposição às idéias do isolamento da sensação como elemento componente da experiência imediata e do treinamento para a “introspecção experimental sistemática” com vistas a evitar o chamado “erro de estímulo” – tem o papel de expressar a autonomia das estruturas da percepção.

Uma das principais origens da psicologia da *Gestalt* levada a cabo por M. Wertheimer, K. Koffka e W. Köhler (a escola de Berlim) foi a noção de “qualidades gestálticas” – desenvolvida por C. von Ehrenfels, membro da escola de Graz que fora mestre de Wertheimer –, cujo exemplo emblemático é a melodia. A novidade por elas trazida foi que, ao contrário do que acontecia com o trato associacionista dispensado à sensação, não havia um estímulo que correspondesse às *Gestalt qualitäten* e elas não podiam ser explicadas em função da associação de elementos. Assim, no caso da melodia, sua identidade é preservada e reconhecida mesmo quando tocada em tons distintos, com o recurso a notas musicais diferentes, de modo que sua unidade pode ser reputada à organização em si, em detrimento da natureza específica dos elementos. No entanto, para Ehrenfels, tais qualidades permaneciam encaixadas na psicologia clássica, cujo modelo era a fisiologia mecanicista. Isso teve por consequência o fato de que a escola de Graz produziu uma interpretação espiritualista da *Gestalt* que a escola de Berlim soube identificar e recusar. Ou seja, para Ehrenfels, o sentido tem origem numa entidade subjetiva externa aos dados. V. Benussi, outro membro da escola de Graz, sustentava a sobreposição de uma atividade livre do espírito ao caráter ambíguo das *Gestalten* confirmando a escolha desse grupo pelo território da *res cogitans*. Para Wertheimer, Koffka e Köhler, essa demarcação é tomada na conta de infrutífera porquanto impede que se eleve a *Gestalt* à condição de categoria de filosofia da natureza. A escola de Berlim, ao contrário, a vê como instância de processos intrinsecamente ordenados, sejam eles perceptivos ou físicos.⁴

Isso nos explica por que, apesar da influência, os pesquisadores da escola de Berlim sentiram, inicialmente, a necessidade de imprimir à sua linguagem uma marca de distinção relativamente à escola de Graz. Em seus textos iniciais, eles evitavam usar o termo *Gestalt* para que o conceito não fosse confundido com as qualidades gestálticas de Ehrenfels. Exemplo disso é um artigo que Koffka publica em 1922,⁵ no qual o termo utilizado – e isso é significativo para a reflexão que ora propomos – para referir a autonomia da percepção é exatamente “estrutura”.

A psicologia da *Gestalt*, tal como a de Wundt e a de Titchener, também elege por objeto a experiência imediata, mas, à diferença destes, ela o faz subscrevendo uma linha de raciocínio que remonta a F. Brentano, especialmente no que diz respeito à idéia de um privilégio epistemológico da psicologia sobre as ciências naturais.⁶ Para Brentano (1874/1995), o conhecimento psicológico é menos problemático do que os demais porque a verdade dos fenômenos da percepção não é relativa, é imediata: eles são *realmente* aquilo que *parecem* ser.⁷ Trata-se aqui de uma implosão – de tecido evidentemente cartesiano (de como é mais fácil conhecer o espírito do que o corpo...) – da cisão entre ser e aparecer. Isso faz com que o objeto eleito pela “ciência” psicológica exprima uma total correspondência com o registro da consciência. Donde sua categórica conclusão:⁸ se a experiência circunscreve e delimita o território passível de investigação, torna-se necessário esvaziar de todo interesse epistemológico a noção de “representação inconsciente”; ou seja, aquilo que não se apresenta à consciência, a consciência, como pensamento, não pode alçar ao patamar do escrutínio científico.

De todo modo, a idéia de que a psicologia possui prerrogativas relativamente às garantias de conhecimento é amplamente assumida pela *Gestalt* e isso pode ser visto

como o motivo que a faz recusar a idéia de uma introspecção treinada e ainda entender a noção de lei não mais como repetição factual, mas como apreensão direta da ordenação do fenômeno. Assim, o elemento não pode ser pensado *qua* elemento fora da organização na qual ele se apresenta e a partir da qual ele só pode ser identificado *a posteriori*. E é por isso que a idéia de que “o todo é maior do que a soma das partes”, tão recorrentemente mencionada quando se trata de descrever as injunções epistemológicas da *Gestalt*, não é, como argumenta A. Engelmann (2002), adequada para fazê-lo, uma vez que ainda supõe a existência de “partes” independentes a serem somadas – i.e, ainda supõe o atomismo que se quer ver eliminado da psicologia.

A princípio, a atribuição de autonomia à configuração daquilo que é percebido poderia ser vista como um movimento de superação das aporias do dualismo cartesiano e da separação entre sujeito e objeto do conhecimento. Mas, na verdade, o que temos aí é uma escolha pela *res extensa*, como denunciariam Husserl ([1935]1976, p. 379) e Merleau-Ponty (1942/1975)⁹ e como fica claro:

1- no papel designado à fisiologia (ainda que não mais de teor mecanicista) na tese do isomorfismo entre a estrutura do fenômeno percebido e a estrutura dos processos cerebrais supostos a essa percepção;

2- no tema da transcendência transfenomenal: a idéia, desenvolvida sobretudo por Köhler (1938/1959), de que o isomorfismo é o caminho para postular que a experiência fenomenal aponta para fora de si mesma, para pensar uma ponte entre a experiência imediata e uma realidade transcendente (uma natureza “em si”), sem a qual, a seu ver, não seria possível legitimar a possibilidade de um conhecimento da natureza.

Esses dois pontos entrelaçados fazem a psicologia da *Gestalt* dar um passo para além (ou para aquém) de Brentano, condenando-se a recair em premissas naturalistas que, inevitavelmente, repõem a necessidade da pergunta pela especificidade do psíquico e pelas chances de autonomia da psicologia.

Na substituição da sensação pela forma (*Gestalt*), será que os alicerces do edifício epistemológico chegam de fato a sofrer algum abalo? Parece, antes, que o centro, circunscrito por uma oposição entre objetivismo e idealidade, resta apenas transferido para outro lugar, lugar que ainda aceitaria, se acossado, nomear-se, para todos os efeitos, filho de Descartes. Tanto mais que, para a *Gestalt*, o fracasso da psicologia clássica deve-se a seu método – constituído sobre pressupostos empiristas não tematizados no nível epistemológico – e não a seu objeto. Com isso, chegamos a uma consideração importante: a psicologia da *Gestalt*, apesar de se opor ao desmembramento analítico da vida psíquica, acaba revelando um forte ponto em comum com a psicologia de Titchener que ela tanto se empenhou em criticar, pois a noção de estrutura por ela trabalhada resvala no naturalismo que não permite mais compreender muito bem que sentido atribuir à especificidade da disciplina. Dito de outro modo: se a *Gestalt* de fato põe em xeque a correspondência entre estímulo e sensação pressuposta pela psicofísica, não chega, no entanto, a recusar o território sobre o qual se edifica a psicofísica, isto é, aquele que, como bem destaca Husserl, força o psíquico a ser considerado, sob as diretrizes da ciência moderna, como uma variável dependente do físico, que força a consciência a ser tomada como efeito de um mundo existente em si mesmo.¹⁰

O que Merleau-Ponty (1942/1975) identifica como alvissareiro na *Gestalt* é a possibilidade de pensar uma significação não produzida pela aplicação da atividade do espírito a materiais exteriores a ela, ou seja, uma significação imanente à configuração da experiência. Uma idéia de estrutura capaz de produzir esse resultado, pensa o filósofo, poderia servir, exatamente, para superar a dupla ontologia cartesiana. Mas Merleau-Ponty não deixa de acrescentar que a noção de *Gestalt* só se prestaria a esse serviço se purificada do materialismo que originalmente implica.

É à luz dessas considerações que podemos entender o entusiasmo que Merleau-Ponty expressa pelo conceito de estrutura oriundo do encontro entre fonologia e antropologia em *De Mauss a Claude Lévi-Strauss* (1960/1984). Tanto nesse texto quanto no póstumo *O metafísico no homem* (1965/1984), ele deixa claro que aquilo que mais lhe interessa no conceito lévi-straussiano de estrutura é o fato dela aí não ser “nem coisa nem idéia”. No entanto, enquanto ele se refere à estrutura para apontar uma consciência situada, Lévi-Strauss o faz para designar um regime de funcionamento simbólico que circunscreve um território aquém da consciência.

Não é difícil enxergar, de imediato, que é aqui que entra em questão a psicanálise. O próprio Lévi-Strauss logo tratou de tornar isso explícito, convocando-a contundentemente ao diálogo em textos seminais tais como: *O feiticeiro e sua magia* (1949a/1975), *A eficácia simbólica* (1949b/1975), *Introdução à obra de Marcel Mauss* (1950/1967) e *A estrutura dos mitos* (1955/1975). Ora, para um Lacan já descontente com a atribuição de privilégio epistemológico a uma interioridade psicológica que ele bem enxergava em Freud, um conceito externalista de inconsciente como o que desponta com o conceito de estrutura na obra de Lévi-Strauss só podia surgir como algo propício a indicar uma instância de determinação do sujeito que ele considerava, de fato, indispensável para caracterizar um discurso sobre a subjetividade como científico e é por isso que esse encontro com a antropologia estrutural desemboca no célebre aforismo “o inconsciente é o discurso do outro” (Lacan 1953/1966). Assim, podemos dizer que o uso da noção de estrutura em psicanálise é responsável pelo “retorno a Freud” preconizado por Lacan, tarefa que significa, sobretudo, resgatar o potencial do recurso freudiano dirimido pela corrente ortodoxa da IPA, utilizando, para isso, uma releitura estruturalista do cabedal teórico da psicanálise.

Convém observar que o viés estrutural, ainda que nunca plenamente problematizado ou explicitamente colocado, não é de todo ausente em Freud, pois acaba se insurgindo na abordagem do complexo de Édipo cuja universalidade só pode mesmo ser assumida com um raciocínio desse tipo.¹¹ Mas, além disso ser uma inflexão incipiente, seu conceito de inconsciente permaneceu largamente tributário de um psíquico considerado como “interior”, apesar do caráter revolucionário, nesse sentido, de muitas construções teóricas como o processo primário, a pulsão de morte e o isso e apesar da referência de origem a uma intersubjetividade constituinte.¹² E era essa modulação de interioridade que Lacan, como já mencionado, ainda recusava em Freud (pelo menos até o final da década de 40), o que o fazia qualificar o inconsciente como categoria “inerte e impensável” (1946/1966, p. 182). Isso deixa de ser estranho se lembrarmos o quanto ele foi influenciado por G. Politzer (1928/1998), para quem a psicanálise tinha a inspiração correta – divisava o sentido e o contexto como os verdadeiros fatos psicológicos –, mas instrumentos inadequados – a metapsicologia. Já agora, se o inconsciente pode se dar na linguagem e no laço social, Lacan pode ser a um só tempo freudiano e politzeriano e o trabalho que a partir daí ele desenvolve sob inspiração estruturalista traz à primeira cena, só para ficarmos nas conseqüências mais evidentes: a aceitação do caráter universal do Édipo¹³ pela via da transcendentalidade dos significantes, a demarcação de um mecanismo específico na causação da psicose (a forclusão do Nome-do-Pai), a especificação do desejo como desejo puro.

Todas elas sugerem que, enquanto a psicologia da *Gestalt*, como o diz M. G. Ash (1998), aponta a ordem nas próprias aparências,¹⁴ o uso da noção de estrutura em psicanálise indica que seria preciso descobrir no imaginário da aparência sua estruturação simbólica. É esse corte que institui o lugar conceitual do inconsciente e com ele temos uma inversão de cunho bachelardiano dos preceitos brentanianos: não há mais privilégio epistemológico da psicologia se *il n’y a de science que du caché*. Isso

termina de configurar o antipsicologismo de Lacan que já encontrava seus germes nas formulações de Politzer.

Tudo isso manifesta, com efeito, um grande débito de Lacan para com Lévi-Strauss. No entanto, eis algo interessante tendo em vista o que discutimos acima: Lacan soube identificar no antropólogo os riscos que este corria ao encetar um movimento de retorno a um... naturalismo! ([1954-55]1978, p. 48 e [1962-63]2004, p. 43). É curioso, desse ponto de vista, que o encontro das premissas lévi-straussianas com questões de filosofia da natureza vai acabar por produzir – sob o temor de uma ontologização do significante que, nas palavras de Lacan, corresponderia a “uma reparação de Deus sob uma máscara” – o mesmo resultado que a psicologia da *Gestalt*. Ou não é exatamente a idéia do isomorfismo que encontramos em algumas passagens de *O pensamento selvagem* (1962/1997)? Isomorfismo situado, tanto num caso quanto no outro, entre natureza e uma inteligência que deve sua capacidade de apreensão das estruturas ao fato de se encontrar ancorada em matéria cerebral. Apesar do reconhecido potencial subversivo da proposta de Lévi-Strauss, seu receio – kantiano e deveras legítimo – de reencontrar a metafísica o faz, ao fim e ao cabo, assumir uma postura naturalista ao alegar que as simetrias estruturais seriam propriedades comuns à natureza e à mente humana. Ora, se é assim, alcança-se o contrário do que se pretendia: pois justamente sabemos bem quanta metafísica pode se esconder por detrás de alegações de objetividade subsidiadas por uma idéia de natureza.

Esse não é, no entanto, o único motivo que conduz Lacan a, paulatinamente, tomar distância de um conceito estritamente lévi-straussiano de estrutura. Na verdade, há outro ponto grave que é a questão da completude. Pois se a estrutura referir, como é o caso em Lévi-Strauss, um plano de determinação total do sujeito,¹⁵ este simplesmente desaparece: um sujeito reduzido à condição de epifenômeno do significante perde as prerrogativas da subjetividade. E o sujeito é justamente algo do que uma teoria psicanalítica não pode prescindir. Donde a necessidade de pensar uma ordem estrutural, então nomeada “Outro”, da qual faça parte a própria falta. É o que Lacan começa a formular em seu seminário do ano letivo de 1957/58 – *As formações do inconsciente* (1998) – e que se consolida no escrito *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960/1966), no qual ele desenvolve a necessidade de postular um significante da falta no Outro (falo, -1, S(A barrado)), significante que apresenta (ou mostra) o “fato” de que não há nada de discursivo capaz de funcionar como garantia do próprio discurso.

Mas, retornando ao problema do naturalismo expresso em *O pensamento selvagem*, ele nos indica que talvez seja Lacan, mais do que Lévi-Strauss, quem leva até as últimas conseqüências uma noção de estrutura que não é “nem coisa nem idéia” e, por isso mesmo, se seguirmos suas diretrizes, descobriremos que o território assim aberto não pode mais ser psicológico. Com o que temos o direito de colocar finalmente a seguinte pergunta: será que só podemos respirar fora dos impasses do cartesianismo se abirmos mão do discurso psicologizante?¹⁶

Como quer que seja, os argumentos aqui levantados, a propósito da *Gestalt* ou a propósito de Lacan, nos fazem pensar que é apenas no território da filosofia – quando ela se diz epistemologia ou filosofia da psicologia e da psicanálise – que os verdadeiros motivos que trouxeram à tona o uso da noção de estrutura podem vir à luz. Se a psicologia que se quer ciência, como diz Canguilhem (1958/1999), reivindica ingenuamente o caráter de imanência no sentido de que o desejo de emancipação relativamente à filosofia tivesse que restringi-la a uma dimensão técnico-científica, o tipo de reflexão aqui esboçada talvez possa contribuir, ainda que dentro dos limites do foco proposto, para percebermos que é, *em grande medida*, de dentro mesmo da

filosofia que a psicologia e a psicanálise podem encontrar certas camadas de inteligibilidade que envolvem seus conceitos fundamentais.

Notas

1. Professora de Filosofia na Universidade Federal de Lavras, Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos.
2. “(...) *dès lors que la nature rationnelle, au sens de la science de la nature, est un-monde-de-corps étant en-soi, comme c'est tenu pour 'évident' (Du moins dans la situation historique donnée), dès ce moment il fallait que Le monde-en-soi, d'une façon très particulière et en un sens jusqu'ici inconnu, soit un monde scindé, scindé en une nature en-soi et un mode d'être différent de celle-ci: l'étant qui a pour mode d'être la ψυχή.*” (1954/1976, p. 71)
3. Na verdade, Fechner expressava uma postura ontológica pampsiquista (Cf. Hernstein & Boring 1965/1971, pp. 730-732 e James 1909/1998), mas naturalmente não foi esse o aspecto de seu pensamento valorizado por aqueles que se empenharam em dar continuidade às metodologias do cálculo em psicologia.
4. Referência: Cholfe 2009.
5. *Perception: An introduction to Gestalt Theory*, citado por Cholfe, *Implicações filosóficas da teoria da Gestalt*.
6. Isso surge mais nitidamente no início de *Princípios de psicologia da Gestalt* (1935/1982), de Koffka, que, aliás, já acrescenta outras camadas de sentido aos argumentos colocados pelo filósofo.
7. “*The phenomena of inner perception are a different matter. They are true in themselves. As they appear to be, so they are in reality, a fact which is attested to by the evidence with which they are perceived. Who could deny, then, that this constitutes a great advantage of psychology over the natural sciences?*” (Brentano 1874/1973, pp. 19-20)
8. Que não deixou de influenciar o início do percurso intelectual de J. Lacan com o ajuntamento de reforços politzerianos.
9. “*A teoria da forma pensa ter resolvido o problema das relações entre a alma e o corpo e o problema do conhecimento perceptivo, descobrindo processos nervosos estruturais que de um lado tenham a mesma forma que o psíquico e de outro sejam homogêneos às estruturas físicas. Nenhuma reforma da teoria do conhecimento seria então necessária e o realismo da psicologia como ciência natural seria conservado a título definitivo.*” (Merleau-Ponty, p. 170)
0. Husserl aponta em Locke a origem dessa atitude que concebe a alma do mesmo modo que a natureza física. (1954/1976, pp. 97-100).
1. É o que se depreende de textos como *A organização genital infantil* (1923/1984) e *Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/1984). Em um período anterior a estes textos, Freud elaborava a defesa do caráter universal do Édipo mediante a formulação do mito do assassinato do pai da horda primitiva em *Totem e tabu* ([1912-13]1913/1984). Cf. também Mezan 1985, pp. 319-353.
2. Lembremos do *Nebenmensch* do *Projeto de uma psicologia*, [1895]1950/2003.
3. Recusado *expressis verbis* em *A família* (1938).
4. “*With their new epistemology prescribing order in, rather than behind, the appearances, the Gestalt theorists offered a way to justify psychology as both an empirical and a philosophical discipline, and thus to accomplish the task at which their predecessors had failed (...).*” (Ash 1998, p. 199)
5. Declaração bem representativa desse direcionamento é a que encontramos em *O cru e o cozido* (1971/1991), quando o antropólogo diz que o interesse de sua disciplina não incide em como os homens pensam os mitos, mas em como “os mitos se pensam nos homens, e à sua revelia.”
6. Talvez seja por isso que, parafraseando Husserl, a história da psicologia só pode ser a história das crises da psicologia (1954/1976, p. 230). Cf. o comentário de Moura sobre esse ponto: “*A psicologia nunca poderia aprender o 'elemento subjetivo', já que o 'psíquico' que ela circunscreve como seu domínio é apenas a contrapartida abstrata do 'físico', é apenas uma retomada do dualismo cartesiano no qual ela desde a origem se assentou.*” (2001, p. 214)

Referências Bibliográficas

ASH, Mitchell (1998). *Gestalt psychology in German culture*. Cambridge: Cambridge University Press.

- BRENTANO, Franz (1874). *Psychology from an empirical standpoint*. Tradução de Rancurello, Terrell e McAlister. London: Routledge and Kegan Paul, 1973.
- CANGUILHEM, Georges (1958). "Que é a psicologia?" Tradução de Osmyr Faria Gabbi Jr. Em: *Impulso*, vol 11, n. 26, 1999.
- CHOLFE, Jonas (2009). *As implicações filosóficas da teoria da Gestalt*. São Carlos: UFSCar.
- DANZIGER, Kurt (2001). "The unknown Wundt: drive, apperception and volition". In: Rieber, R. & Robinson, D. (eds.) *Wilhelm Wundt in History: the making of a scientific psychology*. New York: Kluwer Academic/Plenum.
- ENGELMANN, Arno (2002). "A psicologia da Gestalt e a ciência empírica contemporânea" In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 18 (01): pp. 001-016.
- HERRNSTEIN, Richard & BORING, Edwin. (1965) *Textos básicos de história da psicologia*. São Paulo: Herder, 1971.
- FREUD, Sigmund. (1923) "La organización genital infantil". Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- FREUD, Sigmund. (1925) "Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos". Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- FREUD, Sigmund. ([1912-13]1913) "Totem y tabu". Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras completas*. Tomo XIII. Argentina: Amorrortu, 1984.
- FREUD, Sigmund. ([1895]1950) "Projeto de uma psicologia". Tradução de Osmyr Faria Gabbi Jr. Em: GABBI JR., Osmyr. *Notas a Projeto de uma Psicologia: As origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- HUSSERL, E. ([1935]1976) "La crise de l'humanité européenne et la philosophie". Tradução de Gerard Granel In: *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. Paris: Gallimard.
- HUSSERL, E. (1954) *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. Tradução de Gerard Granel. Paris: Gallimard, 1976.
- JAMES, William (1909). "Fechner, por William James". Tradução de Paulo Neves. In: FECHNER, Gustav Theodor (1825). *Da anatomia comparada dos anjos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- KOFFKA, Kurt. (1935). *Princípios de psicologia da Gestalt*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.
- KÖHLER, Wolfgang. (1938) *The place of value in a world of facts*. New York: Meridian Books, 1959.
- LACAN, Jacques. (1938) "La famille". In: *Encyclopédie française, vol. VIII, La vie mentale*. Paris: Larousse.
- LACAN, Jacques. (1946) "Propos sur la causalité psychique". In: *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques. (1953) "Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse". In: *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques. (1960) "Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien". In: *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques. (1978) *Le séminaire. Livre II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse (1954-55)*. Paris: Éditions du Seuil.
- LACAN, Jacques. (1998) *Le séminaire. Livre V: Les formations de l'inconscient (1957-58)*. Paris: Éditions du Seuil.
- LACAN, Jacques. (2004) *Le séminaire. Livre X: L'angoisse (1962-63)*. Paris: Éditions du Seuil.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1949a) "O feiticeiro e sua magia". In.: *Antropologia estrutural*. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1949b) "A eficácia simbólica". In: Antropologia estrutural. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1950) "Introdução à obra de Marcel Mauss". In: COELHO, E. P. (org.) Estruturalismo – Antologia de textos teóricos. Tradução de Maria Eduarda Reis Colares *et alii*. São Paulo: Martins Fontes, 1967.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1955) "A estrutura dos mitos". In: Antropologia estrutural I. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1962) O pensamento selvagem. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, CP: Papyrus, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1971) "Abertura". In: O cru e o cozido. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. (1942) *A estrutura do comportamento*. Tradução de José de Anchieta Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. (1960) *De Mauss a Claude Lévi-Strauss*. Tradução de Marilena Chauí. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. (1965) *O metafísico no homem*. Tradução de Marilena Chauí. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MEZAN, Renato. (1985) *Freud, Pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- MOURA, Carlos A. Ribeiro de (2001) "Cartesianismo e fenomenologia: Exame de paternidade", In: *Racionalidade e crise: Estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora da UFPR.
- POLITZER, G. (1928) *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Tradução de Marcos Marciolino e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba: Unimep, 1998.
- TITCHENER, Edward. (1896) "O número de elementos sensoriais". In: HERRNSTEIN, Richard & BORING, Edwin. *Textos básicos de história da psicologia*. São Paulo: Herder, 1971.